

A travessia

Desde que tinha se casado e ido morar em Copacabana, Oswaldo costumava ficar horas, sentado num banco no calçadão, olhando as ondas arrebitarem na areia. Via as pessoas dando algumas braçadas dentro no mar e ficava com uma certa inveja. Nunca tinha aprendido a nadar. O seu amor pelo mar cada vez crescia mais com o avançar da idade. Já estava pela casa dos 50 anos quando viu pela primeira vez a Travessia dos Fortes. Aquela maratona aquática onde milhares de nadadores se lançavam ao mar no posto seis, e nadavam três mil e oitocentos metros em direção ao forte do Leme, do outro lado da praia. Hipnotizado ele foi pelo calçadão, andando com rapidez, para poder acompanhar os nadadores mais velozes. Quando já estava pela altura da Avenida Princesa Isabel acelerou o passo para poder chegar a tempo de ver o primeiro colocado chegar. A visão do Luís Lima saindo do mar fez com que lágrimas escorressem pelo seu rosto. Naquele momento tomou uma decisão: – Um dia eu vou fazer essa travessia.

– Oswaldo, deixa de ser idiota. Você nem sabe nadar. Viu a travessia e voltou empolgado. Amanhã essa idéia maluca já foi embora – comentou a esposa ao receber a notícia.

Conversando com um amigo que tinha sido nadador, num bar na rua Figueiredo Magalhães, recebeu um cartão com o conselho:

– Procure a Dona Miriam no Fluminense – falou enquanto tomava um gole de cerveja e dava um tapinha na avantajada barriga.

Dona Miriam, que também já passava dos cinquenta, olhou o cartão e perguntou:

– Quais são os seus objetivos?

– Eu pretendo fazer a travessia dos fortes no próximo ano.

– Quantos metros você nada por dia?

– Bem... eu não sei nadar.

A pobre professora que estava comendo um gomo de tangerina, engasgou como se tivesse engolido um carço.

– Eu vou fazer essa travessia – afirmou com firmeza Oswaldo.

A sua obstinação era tanta que a cética professora foi obrigada a acreditar. Ela já estava acostumada com alunos desse tipo. Apareciam cheios de gás e sumiam três meses depois sem nem ao menos darem notícias.

A piscina olímpica do Fluminense pareceu assustadora para Oswaldo enquanto batia os pés segurando na borda. Oswaldo pagava dobrado, duas aulas por dia. E toma educativo, pernadas com prancha, e muita água bebida, até que um dia, enfim, vieram as primeiras braçadas desengonçadas. No bar do Fluminense ele era uma espécie de atração. Às vezes o pessoal parava de beber cerveja e ia até a borda da piscina vê-lo nadar.

– Ele está treinando para fazer a travessia dos fortes.

Os outros caíam na risada.

– Ele terá muita sorte se conseguir aprender a nadar.

Os meses passaram e Oswaldo se inscreveu na travessia pela Internet. Era uma espécie de segredo, apenas compartilhado pela preocupada mulher. Ele tinha receio de na hora ficar com medo e nem cair na água. Pegou com orgulho o material da inscrição no Forte do Leme. A toca vinha com um número gravado, que faria parte das suas lembranças para sempre.

No domingo, às 7 horas da manhã lá estava ele na praia. A largada seria as 10 horas mas a ansiedade era tanta que preferiu ficar na praia, junto com os outros nadadores.

– Oswaldo, o que você está fazendo aqui? – perguntou um amigo de bar ao vê-lo todo paramentado no calçadão.

– Eu vou fazer a travessia.

O amigo, que estava trazendo o neto, caiu na risada e teve que ser levado para longe pela envergonhada mulher, que expressava as suas sinceras desculpas ao se afastar com o risonho marido.

Enquanto esperava a largada se deu conta de que desde que tinha aprendido a nadar nunca tinha ido a praia. A travessia era a sua primeira experiência em nadar no mar. Se isso já era ruim para nadadores experientes, imagina para iniciantes.

Quando os quatro mil nadadores partiram, ao som do canhão do forte de Copacabana, deixando um rastro de espuma, Oswaldo ficou em pé na areia ainda extasiado com o espetáculo. O mar tinha sido a sua fixação por vários anos e agora estava ali, prestes a entrar por dentro dos seus sonhos.

Caiu na água gelada quase dez minutos depois e seguiu nas suas braçadas lentas e desengonçadas acompanhado por uns poucos retardatários. Um engraçadinho ainda gritou de gozação: – Vai golfinho!

O êxtase deu lugar ao cansaço, que depois virou apenas determinação e força. O seu ritmo era tão lento que o Luis Lima já estava na areia e Oswaldo não tinha ainda nem chegado no meio da praia. O aparato na linha de chegada, brindes, chocolate quente, medalhas e todo o pessoal de apoio, já estava sendo desmontado, quando num barco um repórter da Rede Globo, que tinha participado da transmissão da travessia, passou e viu Oswaldo. Surpreso com a força e determinação daquele nadador, que estava em último lugar, resolveu filmar o pobre atleta. Por alguma ironia do destino a reportagem entrou no ar ao vivo. Luis Lima que já estava em casa vendo televisão ficou de tal forma emocionado que resolveu voltar e receber o esforçado nadador. Dona Miriam levou um susto quando viu o seu aluno tentando terminar a travessia, e também foi para o Leme. Muitos outros fizeram a mesma coisa.

Quando Oswaldo despontou na areia, cambaleando, uma multidão vibrante o aguardava.

– Quando eu desmaiei de cansaço, eu tive uma visão. Vi o Luis Lima ao lado da Dona Miriam me esperando na areia, junto com uma multidão que me aplaudia.

– Não foi visão. Todos estavam lá te aguardando. Você chegou em último lugar mas virou uma espécie de herói. Você conseguiu tornar o seu sonho realidade – respondeu a sua esposa.

- Eu hoje nadei pelo meu sonho, mas no próximo ano vou nadar para chegar na frente dos outros –
foi o que conseguiu dizer antes de voltar a dormir na cama do hospital.